

DEVASTAÇÃO E MATERNIDADE EM PAGU

Juliana Meirelles Motta

Pagu foi o apelido dado por Raul Bopp para essa mulher, Patrícia Galvão, que bem antes de se tornar Pagu, já era uma mulher avançada para os padrões, com seu comportamento considerado extravagante e defendendo causas feministas. Fumava e bebia em público, usava roupas colantes e transparentes, usava cabelos curtos, manteve diversos relacionamentos amorosos, e costumava falar palavrões. Seu comportamento rebelde e à frente do seu tempo não era compatível com a sua origem familiar, conservadora e tradicional. Em 1925, com quinze anos, muda com a família para São Paulo, onde conseguiu emprego como redatora, passando escrever críticas contra o governo e contra as injustiças sociais, em uma coluna de notícias.

Embora tenha se tornado a musa dos modernistas, Pagu não participou da Semana de Arte Moderna. Tinha apenas doze anos em 1922, quando a Semana se realizou. Entretanto, aos dezoito anos, pouco depois de completar o curso na Escola Normal da capital paulista, integra-se ao movimento antropofágico, sob a influência de Oswald de Andrade e Tarsila. Pagu engravida aos 14 anos e seu namorado, um homem casado a deixa sem saber da sua gravidez. Sua família fica sabendo e o pai a espanca, jogando-a contra as paredes da casa.. Ela fica um ano em casa, acamada, sem poder mexer braços e pernas, sem poder escrever. Nesta ocasião, formula que com o amor veio o gosto amargo da repulsa pelo sexual e a aversão à cópula.

Pagu transborda em seu gozo, ela é ultrapassada por ele. As várias tentativas de construir bordas falharam. Foram várias as possíveis invenções: a musa, a jornalista, a escritora, a militante e a maternidade. Ficou grávida de Oswald de Andrade aos 18 anos e em um passeio com uma amiga se atira no rio Pinheiros, grávida de 06 meses. Correnteza forte a ponto dos bombeiros não conseguirem resgata-la. Perde a criança. Não sabia o que era estar grávida.....de sua mãe lembrava o cheiro, a distância e ausência. Logo após o acidente, de novo engravida: nasce Rudá.

Nesse ponto podemos localizar que um encontro de Pagu com seu gozo estrangeiro a faz errante e voluntariosa, demonstra esse intraduzível que a sempre atormentou.....a atormentava não significar, não conseguir nomear essa aproximação repetida com o seu corpo. Aliás toda a sua trajetória de vida, um corpo ferido e machucado sempre surge como se ali, em uma tentativa desesperada de não se deixar consumir.

Rudá nasceu.... E basta. Tudo o mais esbarra com violência na contradição. A mãe. Mas não. É a negação da maternidade. As sensações são intangíveis. Apenas as essencialmente físicas podem ser lembradas com precisão.” O corpo nesse gozo como um possível de se fazer vivo....a maternidade, não há o que fazer com ela.....”Amá-lo até a renúncia ´´e a renúncia do contato

materno. Assim foi a solução criada por Pagu para amar Rudá... De longe pois de perto não sabia o que fazer com isso. Longe, andando à procura de algo. À noite, quando todos dormiam, aproximava do berço e colocava a palma sobre os cabelos do bebê, não encostava e permanecia olhando-o. Era o máximo que conseguia. Só assim conseguia se aproximar de algo da maternidade...

Penso ser importante registrar a seguir, frases escritas pela própria Pagu em correspondências que a mesma envia para seu segundo marido, Geraldo Ferraz, quando estava presa e as quais ela pede para mostrar para seu filho Rudá.

“Era uma moleca impossível.... Eu me sentia à margem das outras vidas e esperava pacientemente minha oportunidade de evasão.”

“ O cheiro da minha mãe era atípico. Não era o perfume, não era o hálito nem os cabelos. Era cheiro de mãe.. Na verdade não sei se mãe tem cheiro para cada filho e creio que para este perceber seria necessário uma longa separação...”

“Eu não tive infância.... Eu sempre fui, sim uma mulher-criança. Mas mulher.”

“Talvez eu fosse capaz de fazer em benefícios de meus pais e meus irmãos.. Mas eram estranhos...Estranhos.”

“Não tive precocidade sexual. Praticamente, só fui sexualmente desperta depois do nascimento de Rudá. E não por precocidade mental que entreguei meu corpo aos doze anos incompletos.... Nesse dia eu devia encontrar meu parente Ismael Guilherme ,para uma volta de avião. Deixei a aula, indo procurar na Gazeta, Olympio Guilherme, que me ia levar ao campo. Quando chegamos, assistimos ao desastre. A poucos metros da morte, fui possuída. Não houve a menor violência de Olympio, nessa posse provocada por mim.”

“Eu procurava. Sem saber o quê. Sem nada esperar”

“Auto definição de Pagu:” Mulher de ferro com zonas erógenas e aparelho digestivo”

Diferente dos outros do seu ambiente, sente uma “intoxicação de vida”, vivida na adolescência com paixões, lágrimas e humilhações. Procurava ser infeliz na sua evasão, sozinha. A sua revolta contra uma vida insatisfeita iria fortalecer mais tarde a necessidade da luta:” De tudo que eu sentia antes, ficou o doloroso da revolta, o necessário auxiliar estimulante da luta futura.” Mas precisava encontrar um ideal que merecesse a sua devoção .Querida entregar-se completamente, como numa paixão amorosa: mas nunca encontrou uma resposta à altura da sua ideia:” Ser possuída ao máximo.. Sempre quis isto. Ninguém alcançou a imensidade de minha oferta.”

Miguel Bassol (2017) apresenta um caso onde uma paciente chega em seu consultório dizendo:” me sinto transbordada....me transbordo, sobreponho a mim mesma...segue abaixo como diferencia borda, limite e fronteira

”Não é o outro que a transborda, não é o outro que aparece na outra forma de

transbordamento do obsessivo. Aqui é ela mesma que se transborda, é algo nela mesma que a sobrepõe, que transpõe seus próprios limites, desde o interior.....é algo que ocorre de um modo que distribui de imediato a diferença entre interior e exterior. Isto faz desta borda algo distinto a um limite, a uma fronteira claramente estabelecida entre um espaço e outro, entre dois espaços que seriam fechados de um para o outro, como aparece no transbordamento do sujeito obsessivo. A diferença entre borda, limite e fronteira vão se constituir para Lacan tema de desenvolvimentos topológicos, tema que já nos implicam com a expressão desta mulher que se sente transbordada por si mesma. A simples ideia de sentir-se transbordada por si mesma nos indica já um espaço de um feminino distinto do espaço fechado, de onde o interior e exterior estão claramente definidos, de onde se pode localizar claramente o que está dentro e o que está fora. A sensação de perda das bordas, de apagamento dos contornos, de abismo sob os pés, a psicanálise nomeia “gozo feminino” (ou “gozo não todo”).”

Quando se trata do feminino, nos deparamos com algo que não tem uma medida comum no campo da linguagem para ser representado por um significante. Se inventa, cada um tenta a sua maneira: através das diversas figuras contemporâneas da feminilidade, através da maternidade ou das diversas significações e imagens, mais ou menos fálicas, com as quais se reveste o feminino.

O gozo feminino aponta um corpo que conhece seus extremos .Um corpo tornado feminino, vivido como um espaço aberto em dois extremos da boca e da vagina, e furado em todo o seu comprimento. As emoções ,como os líquidos, o atravessam. Lágrimas, sangue, leite materno, vômito, diarreia, líquido amniótico, urina, esperma, as mulheres descrevem como eles infiltram, as submergem, ou simplesmente escorrem nele, fazendo-as mulheres gozadoras do tempo da viagem nos seus corpos. Relatam que se sentem habitadas, invadidas e fendidas, tudo ao mesmo tempo. Como sua fenda se torna ferida ou envelope, o tempo efêmero do prazer benfeitor ou devastador. Uma vez que isso não dura, isso se impõe e acalma, A sensação e o líquido possuem uma vida autônoma. O corpo como continente é instrumento desses objetos que são Mais-de-gozo no sentido do último ensino de Lacan-aí para suprir uma falha estrutural e tão potente como carga afetiva! Tudo parece se desenrolar em uma impressão de desequilíbrio onde a superfície da borda, mas também o furo, o vazio, tornam-se lugares viventes desse gozo. Essas experiências femininas realizam com o sentimento de vertigem, que provoca tanto o suspense da queda, a intuição de um precipício sem limites, como a impressão de uma elevação estática. Essas experiências femininas não se realizam sem desespero, terror ou pânico. O sujeito feminino, nesses momentos de gozo, parece sem cessar pronto para sair da borda sobre o qual se mantém para se deixar ir ao encontro de uma ou outra margem. Penso ser esse o transbordamento vivido por Pagu. Lembremos da cena dela grávida se lançado nas águas do rio Pinheiros.

Notável em suas cartas como a mãe de Pagu não aparece, não é um significante possível de ancoragem para si. Talvez assim podemos pensar que é exatamente nesse ponto onde o silêncio materno toma consistência que o sujeito Pagu se devasta...É uma hipótese...

Marie-Helène Brousse aponta como referência que a estrutura de linguagem do inconsciente permite apreender a devastação no campo do “desejo da mãe”. O sujeito procura saber o que é o desejo da mãe a partir do qual calcula seu lugar. O falo é a barreira à satisfação de ser o objeto exclusivo do desejo da mãe. Assim, a devastação vai estar ligada àquele impossível de transmitir já que algo da mãe escapa à lei simbólica fálica. O campo do desejo da mãe comporta uma zona obscura, não saturada pelo nome do Pai e sem limite definido. Exatamente o que identificamos em uma Pagu errante, transbordada, a procura de um descanso em uma possível nomeação que nunca encontrou, frente a um indecifrável materno.

Não se trata de reduzir a relação -mãe filha(Mãe-Pagu) a uma relação que escaparia ao discurso, o que levaria a identificar a devastação na psicose, mas de especificar a emergência singular da linguagem no sujeito. Assim a devastação toca de maneira particular como a linguagem emergiu em um sujeito constituindo seu corpo. Pagu descreve lindamente essa operação ...”....deixei tudo isso, sem querer confessar que o meu interesse materno era menor que meu desejo de fuga e expansão”

Frente ao silêncio esmagador de sua mãe, Pagu experimenta a ferocidade da devastação que a lança a um sem limite. Uma mãe enigmática, silenciosa, percebida por ela e a remetendo a devastação como o retorno ao falas ser feminino, do infinito da demanda de amor, em função do não -todo caracterizando-a como excedendo a função fálica. Uma mulher se dirige ao Outro marcado pela falta. Outro do desejo, pela demanda do amor potencialmente infinita que lhe retorna sobre a forma de devastação. A devastação é uma depredação que se estende a tudo, que não conhece limites e é em função dessa estrutura que o Outro pode ser o parceiro devastador. Isso provém de uma falta para nomear algo para uma mulher.

A militância ofertou à Pagu uma causa ,um mínimo de ideal onde ela pudesse alojar seu gozo errante e temporariamente nomear algo. Pela vida inteira Patrícia Galvão queria se sacrificar e agora tinha um motivo: “a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim- o espírito do sacrifício.” Pelas mãos do Partido Comunista, deixa filho e a vida em São Paulo e vai trabalhar como operária em fábricas e vilas de pescadores. Passa fome, vai morar em cortiços, apanha da polícia, foi presa e torturada durante cinco anos. Corpo vagando e se colocando em risco para se fazer vivo.

Uma relativa tranquilidade chega com o segundo casamento com o também modernista Geraldo Ferraz e chega mais um filho também. Mora em Santos onde continua escrevendo e inicia vários trabalhos com os grupos de teatro. Diagnosticada com um câncer tenta se matar duas vezes

de formas violentas. Morre aos 52 anos sem descansar esse corpo que carregava Os Olhos Moles de Pagu. Olhos moles cantados por Raul Boop em um poema dedicado a ela. Olhos moles que denunciavam sua errância, moles, sem fixar em nada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSOLS, M. Lo feminino entre o centro y a ausência. Olivos: Grama Ediciones, 2017

BROUSSE, M-H. Mulheres e Discursos. Coleção Opção Lacaniana, 15. Rio de Janeiro: Contracapa, 2017.

GALVÃO, P. Paixão Pagu A autobiografia precoce de Patrícia Galvão/organizador Geraldo

Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: Agir, 2005

